

Estado da Arte nos estudos e pesquisas sobre Cidades, Urbanização e Relações Étnico-Raciais, e Enunciados sobre o Dossiê Cidades Negras no Brasil e nas Américas

State of the Art in studies and research on Cities, Urbanization and Ethnic-Racial Relations and Statements on the Black Cities Dossier in Brazil and the Americas

Reinaldo José de Oliveira

NEPPINS UFRB; Doutor em
Sociologia, PUC-SP, Professor
Colaborador do NEPPINS
UFRB. E-mail:
reinaldojoliveira1971@gmail.com

Regina Marques de Souza Oliveira

NEPPINS UFRB; Doutora em
Psicologia Social, PUC-SP. E-
mail: regina@ufrb.edu.br

João Helion Costa Vargas

Depto de Antropologia,
Universidade da Califórnia,
Riverside.
E-mail: joao.vargas@ucr.edu

Resumo

O presente texto tem como objetivo apresentar o estado da arte sobre a cidade, a urbanização e as relações étnico-raciais no Brasil, em especial, as *pólis* e os territórios negros. Posteriormente, apresentamos os textos que constituem o dossiê, Cidades Negras nas Américas: a produção de políticas de enfrentamento ao racismo. Por último, é urgente a produção de ensino, pesquisa e extensão sobre as cidades brasileiras com ênfase nas relações étnico-raciais, como as urbes de grande, médio e pequeno portes, porque a população africana e afro-brasileira, durante os 388 anos do escravismo, fundou cidades, bairros e territórios com a sua força de trabalho e em toda a paisagem natural desenvolveu a produção social do espaço. No decorrer dos últimos 135 anos, da pós-abolição aos dias de hoje, foi exatamente a força de trabalho africana e afro-brasileira, por intermédio da cultura e da organização dos territórios de luta por direitos, que proporcionou o quadro atual do desenvolvimento no Brasil e nas Américas.

Palavras-chave: cidades negras, segregação, políticas públicas, ação afirmativa e racismo.

Abstract

This text aims to present the state of the art about the city, urbanization and ethnic-racial relations in Brazil, especially the polis and black territories. Subsequently, we present the texts that constitute the dossier, Black Cities in the Americas: the production of policies to confront racism.

Finally, it is urgent to produce teaching, research and extension on Brazilian cities with emphasis on ethnic-racial relations, such as large, medium and small cities, because the African and Afro-Brazilian population, during the 388 years of slavery, founded cities, neighborhoods and territories with its workforce, and throughout the natural landscape developed the social production of space. Over the last 135 years, from post-abolition to the present day, it was precisely the African and Afro-Brazilian workforce, through the culture and organization of the territories of struggle for rights, that provided the current framework of development in Brazil and the Americas.

Keywords: black cities, segregation, public policies, affirmative action and racism.

Introdução

A literatura brasileira sobre a cidade e o urbano, em geral, é incipiente nos estudos com ênfase nas relações étnico-raciais. Significa a confirmação de um pensamento único sobre a cidade e o urbano e/ou orientado para os lugares e segmentos socioeconômicos de média e altas rendas, muito distante da realidade do cenário histórico e contemporâneo das cidades brasileiras (MARICATO, 2002; OLIVEIRA, 2019; VARGAS, 2016).

No percurso histórico e atual, o estudo sobre a cidade e o urbano com ênfase nas relações étnico-raciais é uma produção inicial das últimas décadas do século XX até o presente momento, ou seja, temos, aproximadamente, trinta anos da problematização do espaço urbano e a população negra.

Por que a questão do “Direito à Cidade”, trazida por Henri Lefebvre (1991), tendo em vista a realidade dos territórios sem cidadãos, problematizado por Milton Santos, não destacou, além da classe social, os cruzamentos de gênero e etnia e raça?

Em nossos estudos e pesquisas, afirmamos que o chão das cidades brasileiras, o rural e o urbano, foram sedimentados por forças físicas, materiais, subjetivas e simbólicas, que reforçam o histórico da colonização, do escravismo, da cultura patriarcal e do racismo em solo brasileiro. É o caso do racismo, que separa e demarca os lugares, territórios e posições nas urbes do país, seja nas capitais, regiões metropolitanas e no interior do Brasil (VARGAS, 2016; 2020; OLIVEIRA, 2019; OLIVEIRA(b) 2023).

A produção atual sobre as cidades brasileiras com ênfase nas relações raciais étnico-raciais revela o silenciamento, o apagamento e a invisibilidade das cidades, dos bairros e territórios negros; desde a fundação, no quadro da urbanização e das transformações socioculturais inscritas no chão dos territórios, como as culturas negras e indígenas como bases da identidade e da cultura nacional.

As inscrições negras e indígenas estão no chão das cidades, sobretudo foram e permanecem sendo as bases do desenvolvimento nas Américas. As capitais dos estados, como Salvador, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo e a capital federal receberam a força de trabalho, material e subjetiva das populações negras, no tempo-espaço do Brasil (OLIVEIRA, 2013; 2016; GARCIA, 2010; CAMPOS, 2007).

Portanto, o Dossiê Cidades Negras nas Américas: a produção de políticas de enfrentamento ao racismo, persiste no objetivo de trazer para o debate nacional e da diáspora, as *pólis* negras, de um lado, são marcadas por políticas da antinegitude, do racismo e de permanentes ações da necropolítica, de outro lado, os movimentos sociais negros, brasileiro e das Américas, gradativamente, se elevaram na produção de políticas de enfrentamento, inscrevendo novas perspectivas, desde a superação do apagamento, do silenciamento e da invisibilidade das *pólis* negras até a constituição de políticas de equidade no tensionamento das cidades e dos direitos.

Em nossa atualidade, século XXI, próximo da segunda contagem do Censo Demográfico de 2023, precisamos saber da história e do momento atual das cidades brasileiras, em especial, das urbes, dos bairros e territórios negros.

Precisamos ter conhecimento dos 520 anos de tempo e espaço, de produção do território brasileiro, porque ele foi se estabelecendo com as forças da segregação, sobretudo com a separação física, subjetiva, espacial, política, social e cultural da população negra. A segregação racial está presente na história das cidades e do urbano

no Brasil, a sua superação representa a produção de epistemologias para a materialização de políticas que estabeleçam o cruzamento de classe social, gênero e etnia e raça, tendo em vista a garantia dos direitos da diversidade no chão das cidades.

Em nossa atualidade, a interpretação socioeconômica e política das 5.565 cidades/municípios, as de grande, médio e pequeno portes, de diferentes bases industriais, comerciais, agrícolas, turísticas, locais e globais, é urgente na incorporação da interseccionalidade de classe social, gênero e etnia e raça no quadro das políticas públicas. Entendemos que a permanência do silenciamento racial no quadro das cidades e do urbano, mantém a estrutura das desigualdades e do racismo à brasileira (OLIVEIRA, 2019; VARGAS, 2016; OLIVEIRA(b), 2013; 2023).

Conforme Oliveira (2020; 2019), as desigualdades de renda (o rendimento nominal médio) entre brancos e negros, estão enraizadas em 98% das cidades brasileiras. Portanto, segundo as informações do IBGE (censos de 1980, 1991, 2000 e 2010), nas capitais do país, a população negra recebe, aproximadamente, de 40% a 60% do rendimento nominal médio da população branca. Esse quadro de desigualdades de renda e do racismo está inscrito nas urbes em que a população negra está presente no território, em proporções abaixo, acima e na média nacional, estadual e local, por exemplo, no estado da Bahia, que tem 75% de negros, nos 417 municípios, em maior proporção, a população negra recebe os menores rendimentos em relação aos ganhos dos 25% da população branca (OLIVEIRA, 2020).

Os textos do Dossiê Cidades Negras nas Américas: a produção de políticas públicas de enfrentamento ao racismo, tem esse objetivo, superar a invisibilidade, o apagamento e a silenciamento, que manteve e ainda mantém a produção de ideias, pensamentos e políticas fora das cidades, territórios e lugares da população negra e, no mesmo sentido, de possibilitar que o pensamento social negro problematize a realidade das cidades e do urbano.

Procuraremos, de forma breve, por meio da leitura e da interpretação da produção nacional compor o estado da arte, especialmente de dissertações e teses sobre as cidades, territórios e lugares com ênfase na população negra. Daremos ênfase na produção de estudos e pesquisas dos centros de formação de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador e da capital federal, centrados no tema do presente dossiê.

No segundo momento, após o levantamento parcial, da produção nacional sobre espaço urbano e relações étnico-raciais, apresentamos os textos que compõem o Dossiê Cidades Negras nas Américas: a produção de políticas de enfrentamento ao racismo.

1 A produção de dissertações e teses sobre as cidades e os bairros negros

Os Professores Doutores Walter Roberto Silvério (1992), José Carlos Gomes (1990) e Teresinha Bernardo (1993), podem ser considerados os percussores nos estudos e nas pesquisas sobre a cidade, o urbano e as relações raciais nos cenários paulistano e nacional.

José Carlos Gomes Silva (1990), em sua dissertação de mestrado, “Os Suburbanos e a outra face da cidade: Negros em São Paulo (1900-1930), cotidiano, lazer e cidade”, observa a capital paulistana do início do século XX, sobretudo os territórios negros; bairros, praças e lugares habitados e vivenciados por homens e mulheres negras. Conforme o autor, a urbe paulistana do início do século passado, gradativamente, apresentou-se como o não lugar, o território das desigualdades e do racismo. No entanto, a população negra da capital e os migrantes, vindos do interior do estado, passo a passo, mediante as violências do racismo, procuravam se estabelecer na cidade por meio dos capitais social, cultural e político, como a realização das festas, a organização das famílias e do acervo cultural em torno da religião, do samba e das agremiações sociais e políticas.

Valter Roberto Silvério (1992), em sua dissertação “Territórios Negros em Campinas: o caso Vila Rica”, observou o cenário urbano e social do interior do estado de São Paulo, mais precisamente as transformações da economia do café, movida pela força de trabalho negro para o contexto urbano industrial. E é nesse quadro social da cafeicultura e das transformações urbanas que os territórios negros, paulatinamente, se desenharam na principal urbe do interior. Conforme o autor, os territórios negros se constituíram nesse movimento dos espaços rural e urbano, fazendo e se desfazendo com os reflexos das forças social e política do capitalismo agrícola e, posteriormente, urbano industrial.

A tese de doutorado de Teresinha Bernardo (1993), “Memória em Branco e Negro: Olhares sobre São Paulo”, versa sobre quatro cenários a respeito da capital

paulistana: a Cidade Escura, retratada pela memória coletiva das mulheres negras; a Cidade Desconhecida, contextualizada pela memória dos homens negros; a Cidade do Progresso, reiterada pela memória dos homens italianos e seus descendentes; e a Cidade do Progresso, como aparece nas lembranças das mulheres brancas italianas e suas descendentes. Homens e mulheres brancos e negros vivenciam lugares, posições e oportunidades diferentes na cidade nas três primeiras décadas do século XX.

Por que a cidade para os negros se apresentou escura e desconhecida? Essas faces e esses sentimentos não pararam, estão no cotidiano das urbes brasileiras dos dias de hoje. Acreditamos que a herança do escravismo e o processo acumulativo das desigualdades e o racismo refletem no espaço social das cidades, dos bairros e territórios da população negra. Conforme Bernardo, a memória coletiva de homens e mulheres negras retrata os territórios negros, os bairros em que eles trabalhavam e habitavam, o mercado de trabalho e as posições que eles ocupavam, em geral, as ocupações de menores *status* social e rendimento socioeconômico.

Os trabalhos de Silva (1990), Silvério (1992) e Bernardo (1993) inauguraram os estudos sobre a memória negra, os territórios negros, as ideias e ações de homens e mulheres negras diante da segregação racial das urbes de São Paulo e Campinas.

Em 2002, a dissertação de mestrado de Reinaldo José de Oliveira, “A Presença do Negro na cidade: a Casa Verde em São Paulo”, é um estudo importante para compreender o movimento de territorialização, desterritorialização e reterritorialização dos núcleos negros.

O nascimento e o desenvolvimento do bairro da Casa Verde, localizado na zona norte de São Paulo, é resultado do projeto de expulsão de antigos territórios negros dos bairros da Sé, Sul da Sé, Liberdade, Baixada do Glicério, Santa Cecília, Bexiga, Barra Funda, em direção aos bairros e lugares, cada vez mais distantes das áreas ricas e desenvolvidas. Segundo Oliveira, diante da necessidade de sair dos cortiços e porões, os territórios negros da zona norte, como a Casa Verde, Bairro do Limão, Peruche e Vila Nova Cachoeirinha, têm como reflexo as ações dos movimentos sociais negros do início do século, particularmente das agremiações sociais e recreativas que promoviam a imprensa negra, as festas e comemorações e o enfrentamento ao racismo: a compra de terrenos na Casa Verde e adjacências nas primeiras periferias

pós-Rio Tietê, foi a única saída para adquirir a casa própria e sobreviver ao processo de exclusão urbana, sobretudo das áreas ricas e desenvolvidas.

As produções fundadoras se estabeleceram antes da promulgação das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, portanto, a história da cidade não pode ser única. Ela compreende saberes, sabores, cores, forças e representações, que são múltiplas e não podem ser apagadas, invisibilizadas e silenciadas.

O trabalho de doutorado de José Carlos Gomes Silva (1998), “O Rap na Cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana” registra os fundamentos do movimento hip-hop paulistano, nas localidades do centro da cidade, os encontros dos jovens no Metrô São Bento, nos bailes *blacks* e nos territórios negros, localizados nas periferias e em seus extremos.

O trabalho de doutorado de Silva (1998) traz todo o movimento dos jovens negros e pobres em torno do rap com as afirmações social e política, de denúncias do racismo e da desigualdade, da afirmação identitária e étnico-racial e da necropolítica, com foco nos pobres, periféricos, negros e jovens. O rap se tornou uma expressão social, cultural e política dos jovens negros e pobres, que nasceu nas periferias para todas as cidades brasileiras, das Américas e do contexto global. A pesquisa de Silva é inaugural nesse sentido, porque observa os apontamentos da música, da etnicidade e das experiências urbanas dos jovens que estão no chão das cidades.

Nos anos de 2006, as teses de doutorado de Maria Nilza da Silva e Lourdes Carril abordam a população negra nos cenários urbano, social, político e cultural da urbe paulistana. Silva (2006), em “Nem para todos é a cidade: segregação urbana e racial em São Paulo”, por intermédio de dados quantitativos, qualitativos e cartografias, parcialmente, constitui a cidade no decorrer do século XX, por meio de informações socioeconômicas, como renda e rendimento, escolaridade e gênero. No mesmo interim, Carril (2002), em “Quilombo, favela e periferia – a longa busca da cidadania”, recupera a história e a geografia negra do início do século XX, mas se concentra na observação dos territórios negros da zona sul e em seu extremo, como os bairros do Capão Redondo e Jardim Ângela. A autora, por meio do diálogo com jovens negros e pobres, protagonistas do movimento hip-hop (a música, o grafite e a dança), traz para o debate a ideia de quilombos urbanos.

Antonio Carlos Billy Malachias (2006), em seu trabalho de mestrado, “Geografia das Relações Raciais: desigualdades raciais em preto e branco”, busca demonstrar que os arranjos espaciais são desigualmente usados e acessados por negros e brancos. O uso diferenciado e desigual do espaço geográfico gera por parte do grupo negro a formulação de outras ideias, ações e experiências de vida na geografia das desigualdades de classe social, gênero e etnia e raça.

Amailton Magno de Azevedo (2006), em sua tese de doutorado, “A Memória musical de Geraldo Filme: os sambas e as micro Áfricas em São Paulo”, traz os bairros negros, como parte do Bexiga, Barra Funda, Parque Peruche, Casa Verde e as periferias das zonas leste e sul, enquanto micro-áfricas que se configuraram como um contraponto dissonante às formas culturais dominantes para operar outras cidades e outras vivências. Tendo como fio condutor a análise da memória de Geraldo Filme, Azevedo identificou as micro Áfricas nas suas vivências familiares, comunitárias, nas escolas de samba e nas suas letras de música. As micro Áfricas representam as faces que o presente dossiê apresenta, as cidades negras no Brasil e nas Américas.

Reinaldo José de Oliveira (2008), em seu doutorado, aprofunda a questão do território e a segregação racial. Os movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização são desenhados, inicialmente na pós-abolição e as três primeiras décadas do século passado, posteriormente, de 1930 até o final dos anos de 1980 e, por último, os anos de 1990 até 2010, perfazendo a história urbana industrial e da globalização perversa da cidade de São Paulo.

Oliveira (2008), além do território, desenvolveu ideias, reflexões e conceitos a respeito da segregação racial. Conforme o autor, a segregação racial está na geografia social, econômica e nas políticas dos 96 distritos de São Paulo, em mais de 95% dos distritos, a renda nominal média da população negra se mantém atrás do rendimento nominal médio da população branca.

A partir das lembranças e da memória coletiva de homens e mulheres negras dos bairros da Barra Funda, Casa Verde, Brasilândia, Cidade Tiradentes e Jardim Ângela, Oliveira (2008), constitui, aproximadamente, um século da memória negra na cidade de São Paulo.

As dissertações e teses sobre a cidade e a urbanização brasileira com ênfase nas relações raciais, gradativamente, refletiram na produção de novos trabalhos, principalmente, sobre a capital paulistana e seus pedaços.

Os trabalhos de mestrado e doutorado de Danilo Nascimento França (2010; 2017), ambos, abordam a segregação residencial por raça na cidade de São Paulo. O primeiro desenvolve uma análise da segregação no município de São Paulo, descrita pelo recorte entre raça e classe social. O segundo busca interpretar a relevância da segregação residencial como dimensão estruturante das relações raciais no Brasil, a partir da análise de dados da Região Metropolitana de São Paulo.

Os trabalhos de mestrado e doutorado acima, acreditamos que abriram o cenário para a superação do silêncio, do apagamento e da invisibilidade dos estudos e das pesquisas sobre a cidade e o urbano, com ênfase nas relações étnico-raciais no Brasil. No entanto, a realidade brasileira compreende 5.565 cidades/municípios, dentre elas, as capitais dos estados, as regiões metropolitanas e as principais urbes do país, que precisam ser analisadas em diferentes perspectivas, haja vista o atravessamento de classe social, gênero e etnia e raça, que hierarquizam as relações entre brancos e negros nos quadros urbano, socioeconômico e político das realidades local, nacional e global.

A dissertação de Sheila Alice da Silva (2015), “Negros em Guaianases: cultura e história” aborda um pedaço da cidade de São Paulo, na zona leste de São Paulo, um fragmento do cenário da segregação e da expansão urbana para as periferias. Segundo a autora, o trabalho refletiu sobre a presença negra no bairro de Guaianases, a partir de suas práticas culturais e memórias. O recorte histórico teve como referência o período de 1930 e 1960, tendo como fio condutor os lugares de resistência, as territorialidades e as práticas sociais que se constituíram nas micro-áfricas.

No trabalho de mestrado de Marcelo Martins Silva (2015), em “Desigualdades Raciais” no mercado de trabalho na região do ABC (1991-2011), aborda, por meio de informação e dados secundários do IBGE, do DIEESE e do Ministério do Trabalho e Emprego, as desigualdades socioeconômicas entre brancos e negros nos municípios que compõem a região do ABC Paulista; as cidades de Santo André, São Bernardo e São Caetano do Sul. É importante destacar que a capital paulistana na história do século XX, inicialmente, cresceu em direção às periferias e seus extremos,

posteriormente, seu transbordamento foi em direção à região metropolitana, como o ABC e cada vez mais, no percurso da linha férrea, nos municípios da região metropolitana, mais distantes dos centros socioeconômico, político e cultural.

Stela Zagatto Paterniani (2019), em seu doutorado, *São Paulo cidade negra: branquitude e afrofuturismo*, a partir das lutas por moradia, problematiza o debate sobre a branquitude na organização e na formação da cidade de São Paulo, bem como na produção dos estudos urbanos paulistas, a partir do reconhecimento de que as relações sociais são racializadas. É uma obra importante, porque inicia o debate sobre os benefícios da branquitude diante do contexto histórico, geográfico e socioeconômico que obteve com a segregação da população negra.

Os trabalhos sobre a cidade e o urbano com ênfase nas relações étnico-raciais, particularmente sobre a metrópole paulistana, foram analisados por diferentes olhares geográficos, políticos, históricos, sociológicos, psicológicos, enfim, do aprofundamento teórico-metodológico da interdisciplinaridade e o diálogo com os movimentos sociais negros, de mulheres negras e de jovens negros das periferias e seus extremos, nos revelaram referências importantes para a promoção de políticas públicas, como a superação do silêncio, da invisibilidade e do apagamento da população negra no chão das cidades.

Abaixo, brevemente, temos outras indicações sobre as urbes de Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Salvador e a capital federal. Acreditamos que o território, em sua concepção local e global, compreende diferentes realidades que são importantes para o presente dossiê, as cidades negras das regiões Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-oeste são diferentes em gêneros, estruturas e contextos.

Na ex-capital federal, Rio de Janeiro, a população negra está em menor número que a sua vizinha paulistana, em dados absolutos, mas em dados relativos, são 47,89% de homens e mulheres negras. Na direção dos morros, favelas, periferias e/ou nas proximidades das áreas ricas, o percentual de negros tende a ser superior aos dados médios da cidade. Essa realidade foi descrita nos estudos de Andreilino Campos (2005; 2006). A dissertação de mestrado que foi publicada em livro, “Do Quilombo à favela: a produção de ‘espaços criminalizados’ no Rio de Janeiro”, Campos destaca a passagem dos quilombos durante o escravismo e na pós-abolição, posteriormente, a transmutação à favela, edificada nos morros e/ou nas áreas de menor poder socioeconômico e político. A

criminalização dos espaços negros está associada aos projetos políticos de urbanização, limpeza urbana e modernização, que o poder público e os sujeitos de maior poder socioeconômico e político estabeleceram no território da cidade.

A criminalização se fez desde o surgimento dos quilombos, posteriormente, com a abolição e a edificação das favelas nos morros, em seguida, além da territorialidade, as práticas sociais e culturais sempre foram temas de controle, dominação e punição impetrada pela ordem pública, por meio da força física e das leis, que teve início com a lei de terras; não possibilitando o acesso à terra aos escravizados com o aproximar da abolição e a própria lei que aboliu o trabalho escravo, sem garantias de cidadania e de direitos para a população negra que perfez, cimentou e levantou as paredes da cidade.

Para Campos, a criminalização dos quilombos do século XX está relacionada com os territórios fora da lei, na perspectiva da construção, do ambiente construído e da legislação urbanística. Outro contexto de extrema relevância, diz respeito ao percurso histórico da entrada do tráfico de drogas, gradativamente, o território foi sendo ocupado por forças da violência e da criminalização.

No doutorado, Campos (2006) observa as políticas urbanas, sobretudo a habitação social para a população, em especial, o lugar de viver e reproduzir o espaço social da população negra. Os diferentes planos urbanísticos, na interpretação do autor, não possibilitaram o “Direito à cidade” dos negros e pobres, o que se observou, gradativamente, foi a segregação dos negros e mais pobres, nos lugares, postos e territórios de menor capital social.

As produções de mestrado e doutorado de Denilson Araújo de Oliveira (2006; 2011), retratam a cidade e o urbano, o Rio de Janeiro, a partir da produção subjetiva e material do movimento hip-hop, enquanto cultura, produção de conhecimento e posicionamento político diante do racismo e das práticas do genocídio negro.

Segundo Oliveira (2006), em “Territorialidades no mundo globalizado: outras leituras de cidade a partir da cultura hip-hop na metrópole carioca”, aborda a territorialização da cultura, enquanto movimento globalizado, mas de uma globalização que se forma em guetos, quebradas, favelas, esquinas e morros das cidades negras. A cultura negra se constitui nos anos de 1970 nos Estados Unidos e emerge globalizada, fruto do encontro de culturas migratórias e em diáspora, como os

mexicanos, haitianos, jamaicanos, brasileiros, porto-riquenhos e afro-americanos segregados nos guetos americanos.

No Brasil, as territorialidades do hip-hop estão nas urbes do Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Belo Horizonte, Recife, Belém, Porto Alegre, Curitiba, nas pequenas, médias e grandes cidades, temos a dança, a música e o grafite, desenhando outras experiências de espaços, territórios e lugares, sobretudo de territórios da diversidade e do antirracismo.

A tese de Geny de Oliveira Guimarães (2015), “Rio Negro de Janeiro: olhares geográficos de heranças negras e o racismo no processo-projeto patrimonial”, analisa as geografias negras do passado e do atual momento, como os espaços, territórios e lugares vivenciados pela população negra na ex-capital federal e, posteriormente, na sociedade do trabalho livre, sobretudo durante e após os estudos de Luiz da Costa Pinto, sobre o negro no Rio de Janeiro.

A autora observa a relação do racismo sobre o processo-projeto patrimonial brasileiro, resultado em silenciamento, apagamentos e apropriações de heranças negras. O que já apontamos acima, encontramos no trabalho de Guimarães, o apagamento, o silenciamento e a invisibilidades foram e continuam sendo práticas regulares nos estudos sobre a cidade e o urbano no fazer científico e técnico.

Guimarães (2015), pensando o local, o lugar e o território, observa o Cais do Valongo, definido para melhor delinear as geografias negras na história do Rio de Janeiro. O Cais do Valongo, área denominada Pequena África Carioca, região portuária do Centro do Rio, é um lugar histórico, patrimonial e arqueológico, que no estudo da autora, fora apropriado e apagado das histórias local, regional e nacional, enquanto lugar da memória e dos territórios negros.

Na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, a participação negra em dados absolutos corresponde a 1.244.006 habitantes, em dados relativos, corresponde a 52% de negros. Também apontamos que na capital de Minas Gerais, os 52% de homens e mulheres negras estão distribuídos mediante a segregação racial, em geral, nas áreas pobres e/ou nas proximidades da riqueza, mas distante na hierarquia socioeconômica e racial.

É importante lembrar que os estudos sobre a cidade e o urbano, nas últimas décadas do século XX até o atual momento, foram fartamente estudados por

importantes instituições de ensino e pesquisa, como, por exemplo, as instituições que compõem o Observatório das Cidades. Foi prática corrente a produção teórica-metodológica orientada pelo recorte socioeconômico. A categoria étnico-racial, em geral, obteve atenção incipiente e/ou em quase nada foi abordada nos estudos e nas pesquisas do Observatório das Cidades. Ao não abordar acreditamos que reforça a invisibilidade, o silenciamento e o apagamento da realidade das cidades negras.

A dissertação de mestrado de Lisandra Mara Silva (2018), na área de Arquitetura e Urbanismo, UFMG, comprova o que insistimos no decorrer do texto: de um lado, o apagamento, o silêncio e a invisibilidade, gradualmente, estão sendo enfrentados e, de outro lado, as primeiras produções de mestrado e doutorado no Brasil, em especial, nas capitais do capitalismo nacional, produziram e vêm se intensificando em novos trabalhos, inicialmente nas ciências humanas e sociais e, nos dias de hoje, nas ciências sociais aplicadas, como a arquitetura e o urbanismo.

Em “Propriedades, negritudes e moradia na produção da segregação racial da cidade: Cenário Belo Horizonte”, Lisandra Mara Silva (2018) discute o lugar da propriedade fundiária na produção da segregação racial da cidade. A autora investiga teoricamente a ideia de propriedade privada constituída nos processos históricos-sociais europeus – o direito de propriedade – que se espalha no globo com a modernidade colonizadora. Do ponto de vista teórico, a autora aborda o racismo para fins de subsidiar reflexões e ideias sobre o espaço e a produção da cidade.

Das obras aqui citadas, os estudos sobre a cidade e o urbano se concentraram nas áreas de ciências humanas. É recente a participação de pesquisadores das ciências sociais aplicadas, em particular a arquitetura e o urbanismo, nos estudos e pesquisas com ênfase nas relações étnico-raciais.

Na arquitetura e no urbanismo, Raquel Rolnik abordou em seus trabalhos, não de forma objetiva, os territórios negros na cidade de São Paulo. Sua produção alcançou repercussão nacional em 1989, com a publicação do artigo “Territorialidade negra e etnicidade nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro”. Posteriormente, em seu livro, “A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo” (1997), Rolnik, do ponto de vista teórico-metodológico potencializou a produção de dissertações e teses nas ciências humanas e sociais aplicadas.

Josemeire Alves Pereira (2019), em “Para Além do Horizonte Planejado: Racismo e produção do espaço urbano em Belo Horizonte (séculos XIX e XX)”, reitera nossas assertivas sobre o silêncio, o apagamento e a invisibilidade do debate sobre o espaço, a cidade e o urbano na perspectiva das relações étnico-raciais no Brasil. Segundo Pereira, a pesquisa possibilitou compreender o “silêncio”, ou seja, a ausência de referências, de escritas sobre a presença, participação e o fazer dos corpos negros na história das cidades brasileiras, em particular, mineiras, que foram empreendidas durante a colonização com a exploração de ouro, diamantes e pedras preciosas em geral.

Para Pereira, o trabalho possibilitou compreender as expressões de relações de poder racializadas, características da formação da sociedade brasileira ao longo do tempo, e que podem ser observadas a partir de leituras e referências de cidade, baseadas no discurso da modernidade, portanto, com o apagamento do passado, do escravismo e da participação negra em toda a produção social do espaço. Esta leitura de cidade, no Brasil, nas Minas Gerais e mais especificamente em Belo Horizonte, o discurso da modernidade e do progresso pelas elites políticas foi a regra para o pensamento sobre a cidade e o urbano.

Em outro contexto, na ex-capital do país, Salvador, tida como uma das capitais com a maior presença negra, no decorrer dos 520 anos de Brasil, é a urbe de maior abrangência material e subjetiva dos valores negro-africanos.

O estado da Bahia, em dados relativos, compreende 75% de negros. Em sua capital, Salvador, os negros correspondem a 79,23% da população local. É importante perceber a presença total e relativa de brancos e negros nas cidades brasileiras, essa percepção subsidia a reflexão de epistemologias para estruturar conceitos, argumentos e referências sobre a realidade da segregação racial e das transformações dos territórios negros.

Em Salvador, nos idos de 1950 e 1960, os estudos de Thales de Azevedo e Donald Pierson, inicialmente, abordaram as relações étnico-raciais na cidade. As obras, ambas, se tornaram estudos obrigatórios para pensar as dinâmicas sociais e raciais na Bahia. No entanto, a ausência de críticas a respeito da segregação da população negra no espaço da cidade, possibilitaram a reprodução de ideias hegemônicas sobre a modernidade, destituindo as produções locais. Esse contexto

favoreceu as faces, vozes e forças da invisibilidade, do silenciamento e do apagamento da cidade na perspectiva étnico-racial, como é o caso de Salvador e as cidades baianas.

A pesquisadora Antonia dos Santos Garcia (2006; 2010) (*in memoriam*) é a precursora nos estudos sobre classe social, gênero e etnia e raça no quadro da cidade de Salvador. A sua tese de doutorado e a dissertação de mestrado, ambas, versaram sobre o cenário histórico e contemporâneo das desigualdades da população negra.

Em “Mulheres da Cidade d’Oxum” (2006), a autora tem como objetivo compreender as relações de gênero e a participação das mulheres das classes populares de Salvador, em especial, as lideranças negras e femininas da região do subúrbio ferroviário, como o bairro de Plataforma e adjacências. Outra razão indicada, além da anterior, é o fato de a autora ser mulher, negra, militante dos movimentos sociais por mais de duas décadas, buscar uma teorização das “práxis”.

Desde o início do século XXI, Garcia já problematizava a interseccionalidade entre classe social, gênero e etnia e raça, em seus trabalhos teóricos e no quadro social de Salvador e suas periferias.

Nesse levantamento do estado da arte nos estudos sobre cidade, espaço urbano e relações étnico-raciais, Antonia dos Santos Garcia e Andreilino Campos são nossos ancestrais da produção de epistemologias e no presente dossiê. É e será importante para a atual geração e as futuras o diálogo com os dois autores para melhor delinear e trazer novos elementos teórico-metodológicos para pensar a segregação e as cidades negras no Brasil e na diáspora.

Em “Desigualdades Raciais e Segregação Urbana em antigas capitais, Salvador, Cidade d’Oxum e Rio de Janeiro, Cidade de Ogum”, Garcia (2010) avança em suas reflexões sobre classe social, gênero e etnia e raça, observando e comparando as relações das duas principais urbes do país.

No estudo da tese de doutorado, além do método do materialismo histórico e dialético, a autora busca compor ideias e reflexões de um feminismo negro, de pensamentos que se estendem ao quadro estrutural na perspectiva política, socioeconômica, cultural e espacial do gênero feminino e negro.

Ao observar as cidades negras de Salvador e Rio de Janeiro, ex-capitais federais do Brasil, suas interpretações, ora particulares ao cenário de Salvador com as questões particulares que se passam no território, ou seja, das forças do passado e do

atual momento que se mantiveram nos mesmos espaços, sem alterações estruturais entre brancos e negros e, ora no território da capital fluminense, as sobrevivências históricas e contemporâneas refletem em maior exatidão no quadro social de homens e mulheres negras.

Segundo Antonia dos Santos Garcia, a maior participação de brancos no Rio de Janeiro segue em direção à zona sul, sobretudo nas áreas mais ricas e de potencial turístico. Em Salvador, a população branca localiza-se na cidade alta, em especial, na direção do ponto histórico e turístico, como os bairros de Pituba e nas imediações do Iguatemi. Em Salvador, os negros estão, em maior proporção, nos bairros que pertencem à cidade baixa e em direção às periferias, como o subúrbio ferroviário: o nordeste de Amaralina e Boca do Rio se destacam por reunirem o maior percentual de negros.

Hoje, com o aproximar da publicação dos dados socioeconômicos do Censo do IBGE, 2023, a análise das informações sobre o cenário da segregação de base racial nas cidades brasileiras, como nas urbes de Salvador, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo, serão fundamentais para transformar a segregação e a hierarquia das desigualdades.

Fábio Macedo Velame (2007), pesquisador da área de arquitetura e urbanismo, traz em seu trabalho de mestrado “A Arquitetura de Terreiro de Candomblé de Culto aos Egum: O Ilê Omo Aboula – um templo de ancestralidade afro-brasileira, em nossas percepções”, acreditamos que as forças dos movimentos sociais negros, do passado e do presente, mesmo com o racismo religioso, têm grande impacto nas ações e reflexões no chão da cidade, haja vista os trabalhos de mestrado e doutorado do autor.

A dissertação de Velame rompe com as tradições técnicas e científicas do pensamento arquitetônico branco, europeu e norte-americano, busca entender como a cultura afro-brasileira determina a arquitetura e a espacialidade interna do terreiro de culto aos ancestrais, os Egum, o Omo Ilê Aboula, localizado no povoado de Ponta de Areia, na Ilha de Itaparica, caracterizando a sua formação, construção, estruturação, organização e funcionamento.

Em seu doutorado, mantendo o percurso histórico, urbanístico e social, Velame (2012) destaca a arquitetura dos terreiros das cidades de Cachoeira e São Félix, no Recôncavo da Bahia. É importante lembrar que as cidades negras do Recôncavo, do ponto de vista populacional, compreendem um quadro de população negra de 75% a

92%, uma parcela desse universo está presente nos terreiros de candomblé e umbanda, na capoeira, nas rodas de samba e no universo infanto-juvenil da cultura do axé, do funk e do hip-hop.

Para o autor, a tese tem como objetivo defender a hipótese de que as arquiteturas dos terreiros de candomblé de Cachoeira e São Félix, diferenciam-se por serem compostas por processos contínuos de hibridação, que edificam lugares próprios. Segundo o autor, as arquiteturas de terreiros são uma criação espacial, territorial e do lugar afro-brasileiro, com dimensões simbólicas das ancestralidades africana e afro-brasileira.

Por mais uma vez destacamos as indicações acima, prevalece nas ciências sobre a cidade e o urbano, a invisibilidade, o silêncio e o apagamento das concepções teóricas e práticas da população negra nas cidades brasileiras.

Os terreiros de candomblé e umbanda da Bahia e do Brasil, no passado e nos dias de hoje, viveram sob a força do controle e da vigilância, pelas vistas do poder público, de forma física e simbólica, e por meio de setores da sociedade, como os ataques de racismo religioso que vêm sofrendo nos espaços públicos e privados. No entanto, as arquiteturas de terreiros, os espaços negros e os territórios negros, resistem. É essa resistência história e social que tem possibilitado a construção de epistemologias negras, de saberes e práticas que estavam fora do saber científico.

Pensando a capital federal do século XX e do atual momento, Marcel Claudio Sant’ana (2006), em “A Cor do espaço: limites e possibilidades na análise da segregação sócio-espacial, o exemplo de Brasília”, aborda a cidade, o urbano e o planejamento a partir da sua estrutura social, em especial, a racial.

O autor faz a seguinte pergunta em sua dissertação de mestrado: É possível falar em segregação socioespacial estruturada por fatores raciais?

No decorrer da obra, respostas, questionamentos, ideias e conceitos são trabalhados e desenvolvidos, tendo como observação a capital federal, Brasília, representação máxima do modelo de planejamento urbano.

Em Brasília, o planejamento do pensamento único prevalece na ocupação do espaço. Os pobres e negros não estão nos lugares e nas ideias do planejamento urbano, percebemos que as ideias e os lugares permanecem fora do pensamento científico sobre a cidade e o urbano.

Segundo Marcel Claudio Sant'ana, nas cidades, em particular Brasília, as regras continuam sendo as mesmas no que diz respeito à segregação da população negra: cidades, lugares e territórios, com seus espaços perversamente desiguais, acabam por centralizar o ambiente construído nas áreas ocupadas majoritariamente pela população branca, enquanto que para as áreas ocupadas pela população negra, resta a irregularidade fundiária, a falta de infraestrutura e serviços urbanos, portanto, nas áreas de maioria negra, as desigualdades urbanas e raciais têm refletido negativamente na produção de capital social, na violência e na necropolítica, que em maior proporção atingem os corpos negros.

Visitamos dissertações e teses sobre as cidades de Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e a capital federal, Brasília, para fins de compor o estado da arte sobre os estudos da cidade e do urbano, com ênfase nas relações étnico-raciais. Nesse interim verificou-se a centralidade das territorialidades negras, da segregação de base racial, da atuação dos movimentos sociais negros, de ideias que, em geral, continuam fora do lugar e no mesmo sentido, de lugares que permanecem fora das ideias, portanto, essa construção, ainda incipiente, tem apresentado importantes referências para pensar o espaço, as cidades e os territórios da diversidade, e as cidades antirracistas.

Não foi possível trazer a produção, em sua íntegra, por questões técnicas, mas procuraremos em outro momento fazer esta interpretação. Posteriormente, procuraremos compor o quadro da produção, incorporando os trabalhos que aqui não foram implicados: como a produção de Renato Emerson dos Santos no Rio de Janeiro; de Alex Ratts a respeito dos territórios negros e indígenas no Ceará e, posteriormente, no estado de Goiás; as dissertações e teses do sul do país, como o trabalho de Daniele Machado Viera, sobre Porto Alegre e os de Cauanã Maia e Azaria Maxim Nogueira, de Florianópolis; na Bahia, os trabalhos de Sandro dos Santos Correia, Maria Estela Ramos, Maria Alice Pereira da Silva, esta última que desenvolveu em sua dissertação o estudo sobre a Pedra de Xangô na capital baiana e os pesquisadores do Grupo Etnicidades, da UFBA, como a Professora Doutora Gabriela Leandro Pereira.

Nesses últimos vinte anos, importantes grupos de estudos foram organizados sobre a cidade e o urbano, com ênfase nas relações étnico-raciais: é o caso da produção em ensino, pesquisa e extensão, em especial, de orientações da pós-graduação da

Professora Maria Nilza da Silva, da Universidade Estadual de Londrina; do Professor Henrique Cunha Junior, na FAU-UFBA e UFCE; do Professor Renato Emerson dos Santos, no Rio de Janeiro; de Alex Ratts, na perspectiva da geografia e das ciências sociais, na UFGO; do Grupo Etnicidades, da FAU-UFBA, tendo à frente o Professor Fábio Velame, enfim, dos núcleos e centros de pesquisas que vêm se dedicando em superar o silenciamento, o apagamento e a invisibilidade do tema em questão.

Esperamos que o breve levantamento possa refletir nos principais centros de estudos e pesquisas da universidade brasileira, que atua na produção de ensino, pesquisa e extensão da temática cidade, espaço urbano e relações étnico-raciais no Brasil.

2 Enunciados do Dossiê Cidades Negras nas Américas: a produção de políticas de enfrentamento ao racismo

O presente dossiê busca se destacar na realidade brasileira, das Américas e global, em razão de seus objetivos: trazer reflexões, ideias e epistemologias sobre a cidade e o urbano com ênfase nas relações étnico-raciais, sobretudo dos espaços, territórios e lugares da população negra.

No Brasil e nas Américas, os movimentos sociais negros, direta e indiretamente, vêm promovendo ações de superação e promoção de políticas públicas para o enfrentamento do racismo, da segregação, do genocídio e da necropolítica, que sobressaem nos corpos negros.

Em 28 de outubro de 1963, Martin Luther King proferia o seu discurso, em Washington D.C., “I have a dream” (“Eu tenho um sonho”), que ficou imortalizado na história do século XX, a luta por direitos civis e humanos para o mundo. Hoje, há exatamente 60 anos, o sonho permanece nos pensamentos e corpos negros das Américas, em torno da materialização, da subjetivação de cidades, territórios e lugares da diversidade, em especial, de direitos de igualdade e de diferenças entre negros, brancos, populações indígenas, imigrantes e os povos de diferentes culturas e origens socioculturais.

Os sonhos, nas experiências das culturas indígenas e negras-africanas, não estão particularmente relacionados ao quadro da saúde mental retratada por Sigmund Freud. A imaginação do sonhar estão no arcabouço indígena e negro-

africano das culturas que prezam o valor ancestral, o valor aos griots, pajés e caboclos que carregam a história do grupo social, da família e das referências culturais.

De acordo com Regina Suama Ngola Marques (2023), a saúde mental da população negra, da infância ao envelhecimento, está enraizada no colo cultural, ou seja, nos colos materno, familiar, social e cultural. Nas cidades brasileiras, como Salvador, Recife, Belém, Manaus, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre, nas urbes de grande, médio e pequeno portes, em geral, os sonhos e as realidades negras estão amparados pelos colos social e cultural, que vêm estabelecendo a busca de cidades negras, antirracistas e da diversidade, buscando trazer perspectivas diferentes da realidade do século XX .

Os 60 anos de “I have a dream”, de Martin Luther King, em nossa atualidade, representam sonhos e lutas, de movimentos contínuos pelas transformações, contrárias ao quadro da violência, da opressão, do racismo e da barbárie que vivemos na atualidade.

No Brasil, a reorganização dos movimentos sociais negros durante e após a Ditadura Militar, também revela a construção de sonhos e lutas em torno de cidades justas e diversas.

De 1978 aos nossos dias temos 45 anos de enfrentamento ao racismo, que têm proporcionado avanços, ainda insuficientes, mas importantes para incomodar os pensamentos social e político da branquitude.

Nesse momento temos a Lei nº 10.639/2003 completando 20 anos, no exercício da obrigatoriedade da história e das culturas africana e afro-brasileira nas educações básicas pública e privada. Ainda não temos um quadro analítico crítico a respeito da sua aplicação nas escolas e nos municípios de todo o país, mas o seu sucesso depende e dependerá de todos os atores sociais que estão na escola, na educação, nos quadros familiar e político, em especial, de referências que defendam uma educação e uma escola democrática com equidade.

As cidades negras estão banhadas na saúde mental de busca por bem-estar, material e subjetivo. Ao invés do genocídio e da necropolítica, as cidades negras das Américas, gradativamente, os sonhos e as realidades almejam fortalecimento dos corpos, ao invés de se deixar morrer diante das experiências do escravismo e da colonização, o viver e o desenvolvimento se estabelecem como prioridades. Os 60 anos

de “I have a dream”, os últimos 45 anos dos movimentos sociais negros e a legislação de promoção da igualdade racial, têm esse objetivo, promover e estabelecer direitos para as populações, sobretudo para as que sobrevivem mediante os reflexos da colonização, do escravismo e das desigualdades de classe social, gênero e etnia e raça.

Os textos que compõem o Dossiê Cidades Negras nas Américas: a promoção de políticas de enfrentamento ao racismo trazem os sonhos, as lutas e as epistemologias negras que persistem por cidades diversas e antirracistas.

O primeiro texto, dos Professores Doutores Jaime do Amparo Alves e João da Costa Vargas, intitulado “Pólis Amefricanana – Para uma desconstrução da ‘América Latina’ e suas geografias sociais antinegras”, se propõe a discutir, a partir de uma perspectiva relacional, os limites de Américas, como comunidade política e modo de sociabilidade fundados na anti-negricidade constitutiva do projeto de latinidade.

A ideia de antinegitude refere-se aos espaços, territórios, lugares e cidades, formatados e desenvolvidos pelos valores que não incluem a população negra do Brasil e nas Américas, ou seja, da diáspora. O texto dos autores, de Amparo e Vargas, tem esse objetivo, de um lado, a *pólis* da antinegitude e, de outro lado, a *pólis* negra, que possibilita a cidade justa e diversa.

Posteriormente, o texto do Professor Doutor Moisés de Freitas Cunha, “A Produção Social do Espaço: Degradações e Gentrificações em vizinhanças de São Paulo e Nova York”, tem como objetivo a análise comparativa entre São Paulo e Nova York, mediante abordagens urbanística, sociológica e histórica, especialmente compreender como e porquê se produz degradação espacial em cidades modernas com legado da colonização e do escravismo.

A Professora Doutora Maura Pardini Bicudo Vêras, coordenadora do NEPUR, Núcleo de Estudos e Pesquisas Urbanas, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, reuniu em seu texto as experiências da pós-graduação, de orientações de mestrados e doutorados, especialmente em trabalhos que versam sobre a temática do presente dossiê. O texto “Racismo à brasileira: uma análise das ressonâncias espaciais na configuração das periferias urbanas”, pretende analisar o peso do racismo à brasileira, utilizando os termos de Munanga (2017) ao apontar que é um crime perfeito, pois apesar da negação de se assumir racista, seus efeitos são reais e evidentes; analisam-se as repercussões espaciais do racismo que não se assume como

determinante das profundas desigualdades sociais presentes no país, deixando ao mercado de terras e habitações a regulação do acesso ao ambiente construído adequado. Resultam disso territórios da precariedade, expulsão e nomadismo urbano, em processos de relegação e segregação social e racial.

Os Professores Doutores Regina Marques e Reinaldo José de Oliveira, escrevem o texto “Segregação Racial na Metrópole: Observações sobre Racismo, Saúde e a Covid-19”. A produção tem como objetivo a metrópole de São Paulo, os autores focalizam como o racismo e a segregação refletem no chão da cidade, especialmente para a população negra nos espaços sociais, como a saúde e os efeitos da Covid-19.

Sandro dos Santos Correia, professor doutor da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, escreveu o texto “A Importância da matriz africana para a construção da identidade afro-brasileira da cidade de Cachoeira, BA”. Seu texto traz como centralidade a constituição da cidade de Cachoeira, que teve o elemento de matriz africana representado pelos Terreiros de Candomblé, Terreiros de Umbanda e as Irmãs da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, no território local, transformando os espaços social, físico e subjetivo. As histórias, informações e os dados da pesquisa demonstram que os elementos negro-africanos, gradativamente, trabalharam no desenvolvimento, na preservação e no fortalecimento da identidade afro-brasileira da cidade de Cachoeira, Bahia.

A realidade das cidades baianas é trazida no texto do Professor Doutor Reinaldo José de Oliveira, “Cidades negras no Brasil: A Bahia de todos os santos, orixás, inkices e caboclos”, que vai analisar dados socioeconômicos sobre as urbes, especialmente as pequenas, médias e grandes cidades, destacando as desigualdades de classe social, gênero e etnia e raça, como elementos centrais das desigualdades históricas e contemporâneas nas realidades brasileira, regional e local. Dentre as urbes do país, Oliveira observa o estado com a maior população negra, portanto, as cidades negras do estado da Bahia, nos possibilitam compreender o quadro histórico e contemporâneo da segregação e da política antinegitude.

O objetivo do presente dossiê buscou destacar ideias, argumentos críticos e construtivos de elementos que possibilitem superar o quadro histórico e atual da invisibilidade, do apagamento e do silêncio racial inscrito no chão das cidades, dos

territórios e dos espaços que mantêm a política antinegitude, que preserva o avanço da segregação racial e das desigualdades entre brancos e negros no Brasil e nas Américas.

Considerações finais

As desigualdades de classe social, gênero e etnia e raça nas urbes do país, devem ser prioridades nas políticas urbanas, educacionais, em saúde e bem-estar social, portanto, são políticas que visam o enfrentamento do racismo e da segregação de base racial.

Acima, fizemos a breve interpretação do estado da arte, especialmente em teses e dissertações sobre a cidade e o urbano, com ênfase nas relações étnicas e raciais no Brasil. Posteriormente, apresentamos os textos que compõem o dossiê “Cidades Negras nas Américas: a produção de políticas públicas de enfrentamento ao racismo”.

Por último, esperamos que as produções histórica e atual possam refletir em epistemologias de combate ao quadro da antinegitude, da segregação e do racismo na história das cidades brasileiras, das Américas e da diáspora.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Amailton Magno. *A memória musical de Geraldo filme: os sambas e as micro-áfricas em São Paulo*, 230 f., 2006, Tese de Doutorado em História, PUC-SP, São Paulo.

BERNARDO, Teresinha. *Memória em Branco e Negro: Olhares sobre São Paulo*, São Paulo, Editora Unesp, Educ, 1998.

CAMPOS, Andreino de Oliveira. *O Planejamento Urbano e a invisibilidade dos afrodescendentes: discriminação étnico-racial, intervenção estatal e segregação sócio-espacial na cidade do Rio de Janeiro*, 385 f., 2006, Tese de Doutorado em Geografia, UFRJ, Rio de Janeiro.

CAMPOS, Andreino de Oliveira. *Do quilombo à favela – A produção do espaço criminalizado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.

FRANÇA, Danilo Sales do Nascimento. *Raça, classe e segregação residencial no município de São Paulo*. 134 f., Mestrado em Ciências Sociais, 2010, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo.

FRANÇA, Danilo Sales do Nascimento. *Segregação racial em São Paulo: residências, redes pessoais e trajetórias urbanas de negros e brancos no século XXI*, 245 f., 2017, doutorado em Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo.

GARCIA, Antonia dos Santos. *Desigualdades raciais e segregação urbana em antigas capitais, Salvador, Cidade D'Oxum e Rio de Janeiro, Cidade de Ogum*. Rio de Janeiro, Editora Garamond, 2010.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. *Rio Negro de Janeiro: olhares geográficos de heranças negras e o racismo no processo-projeto patrimonial*, 360 f., 2015, doutorado em Geografia, UFBA, Salvador.

MAGALHÃES, Alexander. A Ciência Política na escola básica: uma reflexão acerca de seus conteúdos e habilidades no ensino médio. In: BODART, Cristiano das Neves. *Sociologia escolar: ensino, discussões e experiências*. Porto Alegre: Cirkula, pp. 39-62, 2018.

MALACHIAS, Antonio Carlos "Billy". *Geografia e Relações Raciais: desigualdades socioespaciais em preto e branco*, 124 f., Mestrado em Geografia, 2006, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo.

MARICATO, Ermínia. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias. In: ARANTES, Otília, VAINER, Carlos e MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único – desmanchando consensos*. Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

MARQUES, Regina Suama Ngola Marques. *Psicanálise Infantil e Racismo: saúde mental nas relações étnico-raciais*. Curitiba, Editora Appris, 2023.

MURAT, Lúcia. Depoimento. *Comissão Estadual da Verdade*. ALERJ, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/lucia-murat/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

OLIVEIRA, Denilson Araújo. *Territorialidades no mundo globalizado: outras leituras da cidade a partir da cultura hip-hop na metrópole carioca*, 164 f., 2006, doutorado em Geografia, Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. *A Presença do Negro na Cidade: Memória e Território da Casa Verde em São Paulo*, 2002, 224 f. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. *Segregação Urbana e Racial na cidade de São Paulo: as periferias de Brasilândia, Cidade Tiradentes e Jardim Ângela*, 2008, 322 f. Tese de doutorado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. *Territorialidade Negra e Segregação racial na cidade de São Paulo: a luta por cidadania no século XX*. São Paulo, Editora Alameda, 2019.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. *A cidade e o negro no Brasil: Cidadania e território*. São Paulo, Editora Alameda, 2012.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. Cidades Negras no Brasil: Territórios e Cidadania. In: Revista da ABPN, v. 12 n. 34 (2020), *Dossiê Temático: a cidade, urbanização e relações étnicas e raciais no Brasil, na África e na Diáspora*. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1128>. Acesso em: 10 dez. 2019.

PATERNIANI, Stella Zagatto. *São Paulo cidade negra: branquidade e afrofuturismo a partir das lutas por moradia*, 335 f., 2019, doutorado em Antropologia, Universidade de Brasília, UNB, Brasília.

PEREIRA, Josemeire Alves. *Para além do Horizonte Planejado: Racismo e Produção do Espaço em Belo Horizonte (séculos XIX e XX)*, 250 f., 2019, Tese de Doutorado em História, UNICAMP, Campinas.

SANT'ANA, Marcel Claudio. *A Cor do Espaço: limites e possibilidades na análise da segregação sócio-espacial, o exemplo de Brasília*, 240 f., 2006, Universidade de Brasília, UNB, Brasília.

SILVA, José Carlos Gomes da. *Os Suburbanos e a outra face da cidade: Negros em São Paulo (1900-193)*, cotidiano, lazer e trabalho. 1990, 195 f., dissertação em Antropologia, Unicamp, Campinas.

SILVA, José Carlos Gomes da. *Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana*, 280 f., 1996, doutorado em Antropologia, UNICAMP, Campinas.

SILVA, Lisandra Mara. *Propriedades, Negritude e Moradia na produção da segregação racial da cidade: cenário Belo Horizonte*, 2018, 255 f., dissertação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SILVA, Marcelo Martins da. *Desigualdades Raciais no Mercado de Trabalho do ABC (1991-2011)*. 170 f., Mestrado em Planejamento Territorial, 2015, UFBAC, Santo André.

SILVA, Sheila Alice Gomes da. *Negros em Guianases: cultura e memória*, 141 f., 2015, dissertação em História, PUC-SP, São Paulo.

VARGAS, João da Costa; PINHO, Osmundo (orgs.) *Antinegitude – o impossível sujeito negro na formação social brasileira*. Cruz das Almas, Editora UFRB e Fino Traço Editora, 2016.

VELAME, Fábio Macedo. *A Arquitetura dos Terreiros de Candomblé do Culto aos Egum: O Ilê Omo Aboulá*, 2007, 420 f., dissertação em Arquitetura e Urbanismo, UFBA, Salvador.

VELAME, Fábio Macedo. *Arquiteturas da Ventura: os terreiros de candomblé de Cachoeira e São Félix*, 230 f., 2012, Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo, UFBA, Salvador.

Recebido em: 13 de junho de 2023.

Aceito em: 17 de julho de 2023.

COMO REFERENCIAR

OLIVEIRA, Reinaldo José de; Regina OLIVEIRA, Marques de Souza; VARGAS, João Helion Costa. Estado da Arte nos estudos e pesquisas sobre Cidades, Urbanização e Relações Étnico-Raciais, e Enunciados sobre o Dossiê Cidades Negras no Brasil e nas Américas. *Latitude*, Maceió, v. 17, n. 1, p. 05-29, 2023.